

3 - JUN 1991

Luiz Tarlei de Aragão

Quem lê jornais, frequenta livrarias, compra livros — e ocasionalmente os lê —, acompanhando o movimento editorial, concordará conosco: nos últimos dez anos o Brasil como país e sociedade tem merecido um tratamento só comparável àquele dado aos enigmas clássicos, como desafio à compreensão e ao estabelecimento de grau mínimo de previsibilidade.

A cada novo plano fracassado, a cada mudança em qualquer ministério, estatal ou congênere, ensaístas, polítólogos e outros entendidos de plantão põem mãos na massa para explicar o sentido das mudanças, e, o que é mais importante e próprio ao Brasil, explicar sob um outro ângulo por que "este país não dá certo".

Tudo isso pontilhado por conteúdos de um pessimismo a fazer inveja ao mais masoquista dos sismógrafos japoneses, cujo país se encontra na junção de nada menos de três placas tectônicas... e deu certo.

Essa questão do pessimismo patrício das previsões não é nova, bem ao contrário. Provavelmente, a carta de Caminha foi o último documento otimista sobre o futuro neste país.

De lá para cá, jesuítas, pombalistas, positivistas, marxistas e, ultimamente,

O Brasil no divã

os páldos abutres do FMI alternaram-se na malhação do judas epônimo que se tornou o Brasil.

Nessa longa história de desamores pelo País, algumas exceções de valor. Citemos, para memória: os Inconfidentes, um ou outro poeta baiano, os modernistas, alguns maçons, e os militares, que de certa forma são os herdeiros da tradição positivista neste país. Se bem que em sua última investida de zelo cívico equivocaram-se nos métodos e no inimigo, o que para um militar é quase imperdoável, e até agora não os vimos, em tanto que instituição, reconhecendo francamente, e sem histerias, que não cabem mais, esse erro histórico.

Hoje podemos dizer que produziu-se no Brasil uma raiva contida, um medo difuso, uma quase psicose sobre nosso futuro, que depende, todos concordamos, de um entendimento mais abrangente de nossos valores.

A Pátria está a merecer mais amor e, sobretudo, uma compreensão que nos fale de algo mais profundo que o discurso cifrado e oco dos economistas de plantão nos camarins do poder.

Tenho em minha biblioteca um exemplar raro, precursor, nesse campo, do livro de Luís Martins, "O Patriarca e o Bacharel", de 1953, com interessante prefácio de Gilberto

Freyre, onde o autor interpreta um período de nossa história política e social, utilizando-se de conceitos freudianos, e falando da "insatisfação nervosa" da qual foi acometida a primeira geração de republicanos.

Mas faltava-nos um psicanalista moderno, competente, e de preferência lacaniano, que metesse o bdelho próprio no assunto, e nos fizesse avançar.

Pois bem, o fato se deu. O Brasil foi para o divã. O livro do intelectual ítalo-brasileiro Contardo Calligaris, presidente da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, lacaniano de quatro costados, nos brinda com uma análise por vezes alvissareira quanto à possibilidade de uma interpretação realmente mais complexa de nossa sociedade. Os capítulos "Função Paterna", "Fundações", e "Marginalidade e Criminalidade" são, desse ponto de vista, seminais.

O livro renova com a antiga tradição dos cronistas de viagem, e partilha nesse campo o espaço comum a nomes que vão desde Jéan de Léry e André Thevet até Von Martius e Albert Camus, num estilo temperado entre a sagacidade objetiva e a cumplicidade generosa.

■ Luiz Tarlei de Aragão é antropólogo e professor da Universidade de Brasília